REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS À LUZ DA ESCOLINHA DO PROFESSOR RAIMUNDO: ENTRE ESTIGMAS E POSSIBILIDADES FORMATIVAS

YOUTH AND ADULT EDUCATION IN LIGHT OF ESCOLINHA DO PROFESSOR RAIMUNDO: BETWEEN STIGMAS AND EDUCATIONAL POSSIBILITIES

Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas • 13/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/794526821

Fernanda Rosa de Souza[1]

Naiara de Sousa Morais[2]

Laís Lemos Silva Novo Pinheiro[3]

Luana Regina Ramos Caldeira Mata[4]

RESUMO

Este artigo analisa a Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir das representações da educação brasileira presentes na obra *Escolinha do Professor Raimundo*, com foco nos estigmas, nas barreiras pedagógicas e nas possibilidades formativas relacionadas a essa modalidade de ensino. A pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender de que maneira as desigualdades sociais, os preconceitos e os processos de exclusão ainda podem interferir na permanência, na participação e na aprendizagem dos estudantes da EJA. O objetivo geral é analisar as relações entre as representações presentes no programa e os desafios contemporâneos dessa modalidade. Metodologicamente, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, articulada à análise de episódios e personagens selecionados da obra televisiva. A fundamentação teórica ancorase nas contribuições de Paulo Freire, Henri Wallon, Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron e Maria Teresa Mantoan para discutir a exclusão mascarada e as barreiras pedagógicas. As reflexões desenvolvidas abordam questões relacionadas ao preconceito regional e linguístico, à vulnerabilidade social, às dificuldades de aprendizagem, à diversidade, à afetividade e à valorização docente. Conclui-se que a EJA deve constituir-se como um espaço de inclusão, diálogo, emancipação e valorização das trajetórias e experiências dos educandos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; barreiras; exclusão.

ABSTRACT

This article analyzes Youth and Adult Education (EJA) based on representations of Brazilian education portrayed in the television program *Escolinha do Professor Raimundo*, focusing on stigmas, pedagogical barriers, and educational possibilities associated with

this educational modality. The study is justified by the need to understand how social inequalities, prejudice, and processes of exclusion may still affect EJA students' continued attendance, participation, and learning. Its main objective is to analyze the relationships between the representations portrayed in the program and the contemporary challenges faced by Youth and Adult Education. Methodologically, the study adopts a qualitative, exploratory bibliographic approach combined with the analysis of selected episodes and characters from the television program. Its theoretical framework draws on the contributions of Paulo Freire, Henri Wallon, Pierre Bourdieu and Jean-Claude Passeron, and Maria Teresa Mantoan to discuss concealed exclusion and pedagogical barriers. The discussion addresses regional and linguistic prejudice, social vulnerability, learning difficulties, diversity, affectivity, and teacher appreciation. The study concludes that EJA should constitute a space for inclusion, dialogue, emancipation, and recognition of students' life trajectories and experiences.
Keywords: Youth and Adult Education; barriers; exclusion.

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui-se como uma modalidade de ensino voltada aos sujeitos que, por diferentes razões sociais, econômicas, culturais e históricas, não tiveram acesso ou permanência na Educação Básica em idade considerada regular. Entretanto, a EJA não deve ser compreendida apenas como uma política compensatória ou como uma simples correção da defasagem escolar. Pelo contrário, trata-se de um espaço de reconstrução da cidadania, valorização das trajetórias humanas e emancipação social dos indivíduos que foram historicamente excluídos do sistema educacional brasileiro.

Quando se discute a Educação de Jovens e Adultos (EJA), é necessário compreender que essa modalidade não se limita à correção de trajetórias escolares interrompidas ou à recuperação de oportunidades educacionais anteriormente negadas. Trata-se, sobretudo, de um direito que possibilita a superação de barreiras históricas, sociais e econômicas, favorecendo a emancipação dos sujeitos e a valorização de suas experiências de vida. Nessa perspectiva, Paulo Freire (2014a) compreende a educação como uma prática comprometida com a liberdade, a conscientização e a transformação social. Assim sendo, o processo de ensino-aprendizagem deve reconhecer os conhecimentos construídos pelos educandos ao longo de suas trajetórias, utilizando-os como ponto de partida para a construção de novos saberes. Dessa forma, as experiências individuais e coletivas deixam de ocupar uma posição secundária e passam a constituir elementos fundamentais de uma prática pedagógica dialógica, significativa e socialmente contextualizada.

Quando a escola ignora essa premissa, ela deixa de ser um espaço de diálogo e troca de experiência e passa a ser um depósito de conteúdos nos quais não atingirá esse educando de forma significativa para que este passe a ter um posicionamento sobre questões reais que abrange tanto sua vida escolar quanto o seu contexto social e dali para frente. Por isso, não se deve desconsiderar as vivências dos educandos, que já têm sua trajetória de vida marcada com grandes dificuldades do mundo do trabalho e que buscam dentro de uma sala de aula refúgio na alfabetização para uma nova leitura de mundo, no qual eles possam ser os protagonistas da sua própria vida com total autonomia.

Além disso, a EJA carrega em sua trajetória histórica marcas profundas das desigualdades sociais presentes no Brasil. Muitos estudantes que retornam à escola nessa modalidade tiveram sua escolarização interrompida devido à necessidade de ingressar precocemente no mercado de trabalho, à falta de acesso à educação básica, às dificuldades financeiras e até mesmo por questões familiares e emocionais. Dessa forma, compreender a EJA exige reconhecer que esses sujeitos não chegam ao ambiente escolar desprovidos de conhecimento, mas carregam consigo experiências de vida, saberes populares e vivências construídas fora do espaço formal de ensino.

Nesse contexto, torna-se necessário refletir sobre o papel social da escola enquanto espaço de acolhimento, inclusão e transformação social. Quando a instituição escolar não reconhece as especificidades dos estudantes da EJA, acaba contribuindo para processos de exclusão silenciosa, nos quais o aluno permanece matriculado, mas não consegue se sentir pertencente ao ambiente educacional. Assim, discutir a Educação de Jovens e Adultos também significa discutir cidadania, dignidade e acesso igualitário ao conhecimento.

A partir dessa perspectiva, a prática pedagógica precisa estar voltada não apenas para a transmissão de conteúdos, mas também para a valorização das relações humanas, da escuta e do diálogo. Isso porque muitos estudantes da EJA carregam marcas de experiências escolares traumáticas anteriores, o que pode gerar insegurança, medo de errar e dificuldades no processo de aprendizagem. Portanto, o fortalecimento dos vínculos afetivos dentro da sala de aula torna-se fundamental para promover a permanência e o desenvolvimento desses educandos.

Nesse contexto, a pesquisa contempla diferentes dimensões da Educação de Jovens e Adultos, entre as quais se destacam as barreiras pedagógicas decorrentes da ausência de práticas educativas sensíveis às necessidades cognitivas, sociais e afetivas dos estudantes. À luz das contribuições de Henri Wallon (2005), compreende-se que o desenvolvimento humano resulta da interação entre aspectos cognitivos, afetivos e sociais, de modo que a aprendizagem não pode ser dissociada das relações estabelecidas entre o sujeito e o ambiente. Dessa forma, práticas docentes excessivamente rígidas, currículos descontextualizados e metodologias que desconsideram as especificidades dos educandos podem comprometer a construção de vínculos, a participação e o sentimento de pertencimento escolar. Por conseguinte, o acolhimento e a flexibilização das estratégias pedagógicas constituem condições relevantes para uma aprendizagem significativa e para a permanência dos estudantes na EJA.

Nesse sentido, torna-se importante analisar como determinadas representações sociais da educação foram construídas historicamente e como ainda influenciam a percepção sobre os estudantes da EJA na contemporaneidade. Muitas vezes, esses sujeitos são vistos de forma estereotipada, sendo associados à incapacidade intelectual, atraso escolar ou fracasso pessoal, desconsiderando os fatores sociais e econômicos que contribuíram para seus processos de exclusão educacional. Assim, refletir sobre essas representações permite compreender de maneira mais crítica as barreiras enfrentadas pelos estudantes jovens e adultos dentro do ambiente escolar.

Dessa forma, investiga-se inicialmente a denominada "aparente inclusão" no contexto da Educação de Jovens e Adultos, sob a

perspectiva da sociologia e da história da educação. Em seguida, identificam-se as principais dificuldades contemporâneas enfrentadas pelos estudantes dessa modalidade, para, posteriormente, articular tais discussões à análise crítica das representações educacionais presentes na *Escolinha do Professor Raimundo*. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa e caráter exploratório, fundamentado na revisão bibliográfica (Gil, 2022) e na análise interpretativa de episódios e personagens selecionados da obra televisiva, compreendidos como representações culturais da educação brasileira. Como base teórica, o estudo apoia-se nas contribuições de Paulo Freire (2014a, 2014b), Henri Wallon (2005), Bourdieu e Passeron (2014) e Maria Teresa Mantoan (2003), com o propósito de problematizar as barreiras pedagógicas e os processos de exclusão mascarada presentes na EJA. Assim sendo, a obra humorística é utilizada como elemento de reflexão sobre práticas pedagógicas tradicionais, estigmas sociais, relações de afetividade e possibilidades de construção de uma educação mais inclusiva, democrática e emancipadora.

2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DO DIREITO À EMANCIPAÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) nasce de um processo histórico de desigualdade social onde a exclusão educacional está presente desde o período colonial. Trabalhadores rurais, negros e grupos sociais vulneráveis não tinham acesso à educação, sendo esse direito restrito apenas às “elites” economicamente bem sucedidas da época. Durante grande parte da história brasileira, a educação foi utilizada como instrumento de manutenção das desigualdades sociais, limitando o acesso ao conhecimento às

classes dominantes. Nesse cenário, trabalhadores, populações negras, mulheres e sujeitos pertencentes às classes populares permaneceram excluídos do sistema educacional formal, o que contribuiu diretamente para os altos índices de analfabetismo no país. Portanto, a exclusão escolar não pode ser compreendida como um fenômeno exclusivamente educacional, uma vez que está diretamente relacionada às desigualdades sociais, econômicas e culturais historicamente constituídas na sociedade brasileira.

A partir da década de 1940, foram desenvolvidas campanhas nacionais voltadas à alfabetização de jovens e adultos, buscando enfrentar os elevados índices de analfabetismo existentes no Brasil. Entretanto, foi especialmente durante a década de 1960 que o debate sobre a educação popular adquiriu maior relevância política e social, sobretudo a partir das contribuições de Paulo Freire. Sua proposta pedagógica defendia uma educação humanizadora e libertadora, fundamentada no diálogo, na valorização das experiências dos educandos e na construção coletiva do conhecimento. Nessa perspectiva, a alfabetização não deveria restringir-se à decodificação das palavras, mas favorecer a leitura crítica da realidade, permitindo que os sujeitos compreendessem as condições sociais em que estavam inseridos e reconhecessem suas possibilidades de transformação (Freire, 2014a).

Durante a Ditadura Militar (1964-1985), experiências de educação popular vinculadas à perspectiva freireana sofreram restrições, enquanto políticas de alfabetização de adultos passaram a ser orientadas por outras concepções político-pedagógicas. Posteriormente, a Constituição Federal de 1988 consolidou a educação como direito social, estabelecendo, em seu artigo 205, a responsabilidade do Estado e da família por sua promoção. Esse

reconhecimento foi aprofundado pela Lei nº 9.394/1996, que regulamentou a Educação de Jovens e Adultos como modalidade da Educação Básica destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos Fundamental e Médio na idade própria. Dessa forma, o reconhecimento jurídico da EJA representa uma conquista histórica, embora sua efetivação ainda dependa da superação das desigualdades que dificultam o acesso, a permanência e a aprendizagem dos educandos.

A análise das políticas educacionais em diferentes contextos nacionais permite ampliar a compreensão dos desafios relacionados à Educação de Jovens e Adultos. Países como Finlândia, Canadá, Noruega e Suécia apresentam experiências de educação ao longo da vida que podem contribuir para a reflexão sobre políticas de formação de adultos e trabalhadores. Nessas experiências, destacam-se iniciativas voltadas à ampliação das oportunidades educacionais, à formação continuada e à flexibilização dos percursos formativos, reconhecendo a aprendizagem como um processo que ultrapassa os limites da escolarização inicial. Em contrapartida, o cenário brasileiro ainda apresenta obstáculos estruturais, associados às desigualdades socioeconômicas, às diferenças nas condições de oferta educacional e às dificuldades de permanência dos estudantes. Dessa forma, a comparação internacional contribui para problematizar a necessidade de políticas públicas capazes de articular acesso, permanência e qualidade da aprendizagem, considerando as especificidades históricas, sociais e culturais da população atendida pela EJA.

Sob uma perspectiva sociológica, a Educação de Jovens e Adultos também revela como o sistema educacional muitas vezes reproduz desigualdades já existentes na sociedade. Bourdieu e Passeron

(2014) afirmam que o sistema escolar pode atuar como mecanismo de reprodução das desigualdades sociais quando privilegia determinados repertórios culturais e desconsidera as diferentes condições de origem dos estudantes. No contexto da Educação de Jovens e Adultos, essa perspectiva permite compreender que as dificuldades enfrentadas pelos educandos não se restringem aos conteúdos escolares, mas também envolvem preconceitos, desigualdades de oportunidades e a desvalorização dos conhecimentos construídos fora das instituições formais de ensino. Dessa forma, a reprodução das desigualdades manifesta-se quando a escola trata como equivalentes trajetórias sociais profundamente distintas, sem reconhecer as barreiras que interferem na participação e na aprendizagem dos sujeitos.

Além disso, muitos desses estudantes conciliam os estudos com jornadas extensas de trabalho, responsabilidades familiares e dificuldades financeiras, fatores que interferem diretamente em sua permanência escolar. Dessa forma, torna-se necessário compreender que a democratização do acesso à escola não garante, por si só, a inclusão efetiva desses sujeitos no processo de aprendizagem.

A EJA não deve ser reduzida a uma mera modalidade de suplência ou correção de fluxo escolar. Pelo contrário, ela se configura como um direito fundamental e uma importante ferramenta de reparação histórica para sujeitos que foram privados do acesso ao saber em idade própria. Para Freire (2014a), o ato de educar jovens e adultos exige o reconhecimento de que o educando é portador de uma cultura e de uma história de vida que não podem ser ignoradas no espaço da sala de aula.

Nesse sentido, a prática pedagógica na EJA deve distanciar-se da "educação bancária", onde o conhecimento é meramente depositado em um aluno passivo. Para Freire (2014b, p. 47), "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção". Sendo assim a emancipação ocorre quando o processo educativo promove a dialogicidade, permitindo que o trabalhador-estudante compreenda a relação entre o conteúdo escolar e a sua realidade social, transformando a alfabetização em um ato político de leitura crítica do mundo.

3. A EJA NA CONTEMPORANEIDADE: BARREIRAS PEDAGÓGICAS E A AFETIVIDADE NO PROCESSO ESCOLAR

As barreiras pedagógicas manifestam-se de diversas formas, sendo a dimensão afetiva uma das mais negligenciadas no cotidiano escolar. Segundo a psicogênese de Wallon (2005), o desenvolvimento cognitivo é indissociável da afetividade e do meio social em que o sujeito está inserido. No contexto da EJA, o aluno frequentemente carrega marcas de fracassos escolares anteriores e uma baixa percepção de autoeficácia.

Quando o ambiente escolar adota metodologias rígidas, infantilizadas ou descontextualizadas, desconsidera as necessidades cognitivas e afetivas dos educandos, criando obstáculos à internalização e à construção significativa do conhecimento. Nessa perspectiva, a aprendizagem exige que a prática docente reconheça a interação entre o sujeito e o meio social, conforme as contribuições de Wallon (2005), estabelecendo relações de confiança que favoreçam a participação, a autonomia e o sentimento de pertencimento escolar. Assim, a afetividade não deve ser compreendida como elemento secundário do processo educativo,

mas como uma dimensão que, articulada às condições pedagógicas e sociais, contribui para o desenvolvimento dos estudantes da EJA.

Ao tomar a obra *Escolinha do Professor Raimundo* como objeto de análise, observa-se que, apesar de retratar um modelo pedagógico tradicional, centrado no professor como protagonista do saber, o programa apresenta personagens construídos a partir de estereótipos e caricaturas sociais. Essa composição permite problematizar dinâmicas de desigualdade e exclusão representadas pelo humor, as quais podem ser relacionadas criticamente aos desafios contemporâneos da Educação de Jovens e Adultos. Entre essas aproximações, destacam-se as dificuldades de aprendizagem, as barreiras linguísticas e o preconceito regional, as situações de dependência alcoólica representadas por determinados personagens, a vulnerabilidade socioeconômica e a privação de condições básicas de subsistência. Embora a obra televisiva não retrate especificamente uma turma de EJA, suas representações oferecem elementos para refletir sobre a permanência de estigmas que atravessam a sociedade e podem repercutir no cotidiano educacional. Além disso, a recorrente referência à desvalorização salarial do professor permite discutir as condições de trabalho docente e seus possíveis impactos sobre a qualidade da educação. Dessa forma, o programa constitui um recurso de análise crítico-reflexiva, ao evidenciar contradições históricas que ainda exigem atenção das políticas educacionais e das práticas pedagógicas.

Conforme apontam Bourdieu e Passeron (2014, p. 53), “o sistema escolar tende a reproduzir as desigualdades sociais”, especialmente quando desconsidera as diferentes origens culturais dos indivíduos e promove apenas uma “aparente inclusão”. Nesse sentido, Mantoan (2003, p. 16) afirma que “incluir é não deixar ninguém de fora da

escola comum, desde o começo da vida escolar", reforçando que a inclusão não deve ocorrer apenas no acesso à instituição, mas também na garantia da sua permanência, participação e aprendizagem efetiva dos estudantes. Pode-se observar que na sua grande maioria os episódios da *Escolinha do Professor Raimundo* que mesmo sendo marcado por métodos tradicionais e com poucos recursos pedagógicos, o ambiente da sala de aula era acolhedor. Apesar da simplicidade das metodologias, aquele professor conseguia dialogar com cada aluno em uma dinâmica onde se realizava, de forma sutil, a troca de conhecimento baseada nas vivências de cada aluno, respeitando suas diferenças e promovendo interações pautadas no diálogo.

Diante das barreiras expostas, a prática docente emerge como o principal eixo de resistência e transformação. Superar a exclusão mascarada exige que o professor atue como um mediador capaz de flexibilizar o currículo, tornando-o poroso às demandas específicas do público jovem e adulto. A flexibilização não implica em redução de conteúdos, mas em uma reorganização metodológica que privilegie a interdisciplinaridade e o sentido prático do saber. Dessa forma, a superação das barreiras pedagógicas ocorre quando a prática educativa se torna sensível às diversidades no ambiente escolar.

Ao articular a perspectiva da afetividade presente nas contribuições de Henri Wallon à educação dialógica defendida por Paulo Freire, o trabalho docente pode favorecer processos formativos comprometidos não apenas com o acesso, mas também com a permanência, a participação e a aprendizagem dos estudantes. Sob essa perspectiva, a *Escolinha do Professor Raimundo* possibilita uma leitura crítica das relações estabelecidas entre professor e alunos,

evidenciando tanto a centralidade do docente e os limites de práticas tradicionais quanto a presença de interações que podem ser discutidas à luz do acolhimento e do respeito às diferenças. Entretanto, é necessário reconhecer que as manifestações de afetividade representadas no programa não eliminam os estereótipos presentes em seus personagens. Por conseguinte, sua contribuição para a reflexão educacional reside justamente na possibilidade de problematizar essas contradições, destacando a importância de práticas pedagógicas fundamentadas no diálogo, na inclusão e no reconhecimento das singularidades dos educandos.

4. A EJA À LUZ DA *ESCOLINHA DO PROFESSOR RAIMUNDO*

Nesta seção, desenvolve-se uma análise crítico-reflexiva das representações sociais e educacionais presentes na obra *Escolinha do Professor Raimundo*, buscando compreender de que maneira seus personagens e situações humorísticas permitem problematizar estigmas, desigualdades e práticas pedagógicas relacionadas à Educação de Jovens e Adultos. Para tanto, são consideradas representações associadas à desvalorização docente, ao preconceito regional e linguístico, à diversidade, à vulnerabilidade social e às diferenças cognitivas. A análise não pretende estabelecer uma correspondência direta entre a narrativa ficcional e a realidade das instituições escolares, mas utilizar a produção televisiva como referência cultural para discutir contradições históricas e possibilidades de construção de práticas educativas inclusivas.

A análise foi organizada a partir de categorias temáticas relacionadas aos objetivos da pesquisa, abrangendo a desvalorização docente, o preconceito regional e linguístico, os estigmas sociais, a vulnerabilidade socioeconômica e as diferenças cognitivas. Para

cada categoria, consideraram-se personagens e situações humorísticas da *Escolinha do Professor Raimundo*, buscando identificar elementos de aproximação e contraste com os desafios contemporâneos da Educação de Jovens e Adultos. A interpretação foi articulada aos referenciais bibliográficos selecionados, especialmente às contribuições de Freire, Wallon, Bourdieu e Passeron e Mantoan, de modo a compreender a obra televisiva como produção cultural passível de análise crítica, e não como retrato direto da realidade escolar.

4.1. A *Escolinha do Professor Raimundo* Como Representação da Educação Brasileira

A *Escolinha do Professor Raimundo*, idealizada por Chico Anysio, constitui uma produção humorística de expressiva relevância na história da televisão brasileira, especialmente pela utilização de personagens caricatos para representar diferentes aspectos da sociedade. Criada originalmente no rádio, em 1952, a obra foi posteriormente incorporada à televisão, alcançando ampla repercussão nacional, sobretudo a partir de sua exibição na TV Globo durante a década de 1990. Por meio de um cenário escolar marcado pela centralidade do professor e pela diversidade de personagens, o programa explorava situações humorísticas relacionadas às diferenças culturais, sociais e comportamentais. Embora tenha sido concebido com finalidade de entretenimento, seu conteúdo permite estabelecer reflexões sobre a construção de estereótipos, a desvalorização profissional docente e as contradições presentes nas relações sociais e educacionais brasileiras.

Figura 1. O Professor Raimundo e o bordão de crítica à desvalorização docente



Fonte: Acervo TV Globo (1990)

Esta imagem apresentada acima evidencia um dos elementos mais marcantes da *Escolinha do Professor Raimundo*: a crítica social relacionada à desvalorização dos profissionais da educação, representada pelo famoso bordão “E o salário, óh!”. A expressão tornou-se popular nacionalmente justamente por retratar, de forma humorística, uma realidade enfrentada por muitos professores brasileiros, marcada pelos baixos salários, pela falta de reconhecimento profissional e pelas dificuldades estruturais presentes no sistema educacional.

Ao relacionar essa representação com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), percebe se que muitos dos desafios enfrentados no passado ainda permanecem presentes na contemporaneidade. A precarização do trabalho docente influencia diretamente na qualidade do ensino, nas condições pedagógicas e no processo de inclusão efetiva dos estudantes jovens e adultos. Muitas vezes, os profissionais que atuam nessa modalidade precisam lidar com turmas heterogêneas, falta de recursos didáticos, jornadas extensas de trabalho e ausência de investimentos educacionais adequados.

Além disso, a imagem também representa o modelo tradicional de ensino presente na época, no qual o professor era visto como figura central do conhecimento. Entretanto, mesmo dentro de uma

proposta humorística e marcada por práticas tradicionais, o programa demonstrava relações de afetividade, diálogo e interação entre professor e alunos, aspectos que ainda hoje são fundamentais para a permanência e o desenvolvimento dos estudantes da EJA.

Dessa forma, a obra permite uma reflexão crítica sobre questões históricas da educação brasileira, especialmente relacionadas às desigualdades sociais, à exclusão educacional e à necessidade de valorização tanto dos profissionais da educação quanto dos sujeitos inseridos na Educação de Jovens e Adultos.

4.2. Preconceito Regional, Linguístico e Exclusão Escolar

Figura 2. Personagem Sr. Nerso da Capitinga (Pedro Bismark)



Fonte: Acervo TV Globo (1990)

Figura 3. Personagem Sr. Suppapau Uaçu (Jayme Filho)



Fonte: Acervo TV Globo (1990)

As imagens apresentadas representam personagens da *Escolinha do Professor Raimundo* que retratavam, de forma caricata e humorística, sujeitos pertencentes a grupos historicamente marginalizados dentro da sociedade brasileira. O personagem Sr. Nerso da Capitinga, interpretado por Pedro Bismark, representava o homem do meio rural, marcado pelo sotaque regional, pela simplicidade e pela dificuldade de inserção social diante dos preconceitos relacionados à linguagem e à origem social. Já o personagem Sr. Suppapau Uaçu, interpretado por Jayme Filho, fazia referência à população indígena, evidenciando estereótipos e dificuldades relacionadas ao reconhecimento e valorização das diferenças culturais.

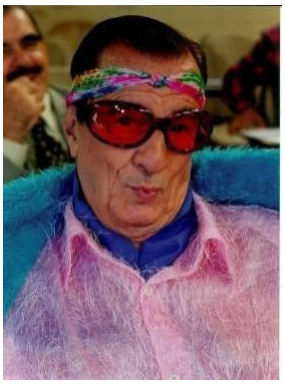
Ao analisar essas representações dentro do contexto da EJA, percebe-se que muitos estudantes ainda enfrentam situações semelhantes no ambiente escolar. O preconceito linguístico, regional e cultural continua sendo uma barreira significativa para a inclusão efetiva desses sujeitos no processo de aprendizagem. Muitas vezes, estudantes que possuem sotaques regionais, baixa escolarização ou modos de fala diferentes da norma padrão acabam sendo alvo de discriminação, exclusão e até silenciamento dentro da sala de aula.

As imagens também permitem refletir sobre como, historicamente, determinados grupos sociais tiveram suas identidades culturais inferiorizadas no espaço escolar. A valorização excessiva da linguagem formal e da cultura dominante pode contribuir para que muitos estudantes da EJA não se sintam pertencentes ao ambiente educacional, dificultando sua participação e permanência na escola.

Dessa forma, torna-se fundamental que a prática pedagógica na EJA esteja voltada ao respeito às diferenças culturais, sociais e linguísticas dos educandos, promovendo uma educação mais inclusiva, acolhedora e democrática. Nesse sentido, a escola deve atuar como espaço de valorização das identidades e das vivências dos sujeitos, reconhecendo que a diversidade cultural também constitui um importante instrumento de construção do conhecimento.

4.3. Inclusão, Afetividade e Diversidade no Ambiente Escolar

Figura 4. Personagem Sr. Peru (Orlando Drummond) e a representação da diversidade no ambiente escolar



Fonte: Acervo TV Globo (1990)

Outro personagem que possibilita uma reflexão acerca da diversidade sexual é o Sr. Peru, interpretado por Orlando Drummond. Representado de forma marcadamente humorística e caricatural, o personagem permite problematizar questões relacionadas à identidade, à aceitação social e à necessidade de pertencimento, evidenciando as barreiras impostas pelo preconceito e pela discriminação. Embora a representação esteja inserida no contexto humorístico do programa e carregue estereótipos próprios de sua época, ela possibilita estabelecer uma relação crítica com os processos de exclusão social e educacional vivenciados por sujeitos

que não correspondem aos padrões de gênero e sexualidade socialmente estabelecidos.

No contexto contemporâneo da Educação de Jovens e Adultos, essa discussão permanece relevante, uma vez que estudantes LGBTQIA+ podem enfrentar situações de preconceito, discriminação, silenciamento e exclusão no ambiente escolar. Tais experiências podem comprometer o sentimento de pertencimento, a participação e a permanência desses sujeitos na escola. Dessa forma, torna-se fundamental que a prática pedagógica esteja comprometida com o respeito à diversidade, com a garantia dos direitos educacionais e com a construção de um ambiente escolar acolhedor, democrático e livre de discriminações.

Ao relacionar essa representação com o contexto da EJA, percebe-se que muitos estudantes ainda enfrentam situações de discriminação dentro do ambiente escolar devido à sua identidade, aparência, forma de expressão ou orientação sexual. Muitas vezes, esses sujeitos acabam sofrendo exclusão, preconceito e silenciamento, fatores que interferem diretamente em sua permanência e desenvolvimento no processo educacional.

Além disso, a imagem permite refletir sobre a importância da afetividade e do acolhimento no espaço escolar. Para Henri Wallon (2005), a afetividade possui papel fundamental no desenvolvimento humano e na construção da aprendizagem. Dessa forma, quando a escola promove relações baseadas no respeito, na empatia e na valorização das diferenças, cria-se um ambiente mais inclusivo e favorável ao desenvolvimento dos estudantes.

Nesse sentido, a Educação de Jovens e Adultos precisa estar comprometida com práticas pedagógicas inclusivas que valorizem a diversidade humana em suas diferentes formas. A escola deve atuar como espaço de respeito às diferenças culturais, sociais e identitárias, garantindo que todos os sujeitos se sintam pertencentes ao ambiente escolar e tenham seus direitos educacionais assegurados de maneira igualitária.

Dessa forma, a representação do personagem Sr. Peru permite compreender como determinadas questões relacionadas à diversidade e à exclusão social ainda permanecem presentes na sociedade e no contexto educacional contemporâneo, tornando necessária a construção de uma educação mais democrática, acolhedora e inclusiva.

4.4. Vulnerabilidade Social e Dificuldades de Aprendizagem na EJA

Figura 5. Personagem Dona Bela (Zezé Macedo)



Fonte: Acervo TV Globo

A personagem Dona Bela, interpretada por Zezé Macedo na *Escolinha do Professor Raimundo*, era apresentada como uma mulher de comportamento conservador e extremamente pudico, que demonstrava indignação diante de comentários interpretados como referências à sexualidade. Sua caracterização humorística

estava associada à valorização de determinadas normas morais e comportamentais, especialmente aquelas relacionadas à maneira como as mulheres deveriam agir e se expressar socialmente. Nesse sentido, a personagem permite refletir sobre a influência dos valores culturais e das experiências socialmente construídas na formação das percepções individuais, evidenciando como determinadas concepções podem produzir constrangimentos, julgamentos e dificuldades de convivência com a diversidade.

Ao relacionar essa representação ao contexto da Educação de Jovens e Adultos, torna-se possível compreender que os estudantes chegam ao ambiente escolar com experiências, crenças, valores e concepções construídos ao longo de suas trajetórias. Essas vivências, embora constituam elementos importantes de sua identidade, também podem estar associadas à reprodução de preconceitos e estigmas socialmente naturalizados. Dessa forma, cabe à prática pedagógica estabelecer espaços de diálogo que permitam problematizar essas concepções sem desconsiderar a história e a dignidade dos educandos. Sob a perspectiva de Freire (2014b), o processo educativo deve favorecer a construção da consciência crítica, possibilitando que os sujeitos reflitam sobre sua realidade e ampliem suas formas de compreensão do mundo.

Além disso, a representação de Dona Bela contribui para discutir a importância do acolhimento e da afetividade diante de temas que podem provocar insegurança, vergonha ou resistência entre os estudantes. À luz das contribuições de Wallon (2005), compreende-se que a dimensão afetiva participa das relações estabelecidas no processo educativo, tornando necessário reconhecer que sentimentos e experiências anteriores podem influenciar a participação dos sujeitos nas atividades escolares. Assim sendo, a

escola deve promover um ambiente respeitoso, no qual diferentes percepções possam ser discutidas criticamente, sem exposição vexatória ou discriminação.

Portanto, a análise da personagem Dona Bela evidencia que a inclusão na EJA envolve não apenas o enfrentamento das desigualdades econômicas e das dificuldades de aprendizagem, mas também a construção de relações pedagógicas capazes de reconhecer a diversidade de valores, experiências e identidades presentes no espaço escolar. Nesse processo, o diálogo e a mediação docente tornam-se fundamentais para transformar situações de conflito ou constrangimento em oportunidades de reflexão, respeito mútuo e aprendizagem significativa.

Figura 6. Personagem Sr. Boneco (Lug de Paula) e a representação da vulnerabilidade social



Fonte: Acervo TV Globo (1990)

O personagem Seu Boneco, interpretado por Lug de Paula, era retratado de maneira caricatural, destacando-se por seu comportamento descontraído e pelas frequentes referências à alimentação e à merenda escolar. Embora essas características fossem utilizadas com finalidade humorística, permitem estabelecer uma reflexão sobre a relação entre condições materiais de existência, necessidades básicas e participação no ambiente educacional. A associação com a Educação de Jovens e Adultos deve

ser compreendida como uma interpretação crítica, e não como uma representação direta da realidade dos estudantes, uma vez que a insegurança alimentar, a pobreza e outras vulnerabilidades sociais podem constituir obstáculos relevantes à permanência e à aprendizagem escolar.

Ao relacionarmos essa representação com a EJA, percebe-se que muitos alunos enfrentam dificuldades de aprendizagem associadas não apenas ao processo escolar, mas também às condições sociais em que vivem. A ausência de alimentação adequada, o desemprego, a precariedade das condições de moradia e a exclusão social interferem na concentração, no desempenho escolar e na permanência desses sujeitos dentro da escola.

Muitos estudantes da EJA convivem com estigmas sociais e preconceitos relacionados à pobreza, sendo frequentemente vistos de maneira inferiorizada dentro do ambiente escolar. Essa marginalização acaba contribuindo para sentimentos de incapacidade, baixa autoestima e desmotivação, fatores que dificultam ainda mais o processo de aprendizagem e inclusão educacional.

Nesse sentido, a escola precisa compreender que as dificuldades de aprendizagem nem sempre estão relacionadas apenas às capacidades cognitivas dos estudantes, mas também às condições sociais, emocionais e econômicas às quais esses sujeitos estão submetidos. Dessa forma, torna-se fundamental que a prática pedagógica esteja voltada ao acolhimento, à inclusão e à valorização das vivências desses educandos.

A representação do personagem Sr. Boneco possibilita, portanto, uma reflexão crítica sobre como a desigualdade social e a ausência de direitos básicos podem impactar diretamente o processo educacional, evidenciando a necessidade de políticas públicas e práticas pedagógicas mais humanas, inclusivas e comprometidas com a permanência e o desenvolvimento dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos.

4.5. Diferenças Cognitivas e os Desafios na Inclusão Escolar

Na contemporaneidade, o reconhecimento da diversidade cognitiva constitui uma dimensão importante das práticas pedagógicas inclusivas, especialmente na Educação de Jovens e Adultos, cujas turmas reúnem estudantes com diferentes experiências, necessidades e potencialidades de aprendizagem. Nesse contexto, também se destaca a necessidade de atenção aos educandos com altas habilidades ou superdotação, que podem enfrentar barreiras decorrentes da ausência de estratégias pedagógicas adequadas ao desenvolvimento de suas capacidades. A insuficiência de formação continuada e de recursos educacionais específicos pode dificultar o reconhecimento dessas necessidades, comprometendo a participação e o desenvolvimento dos estudantes. Dessa forma, a inclusão escolar exige práticas pedagógicas flexíveis, capazes de reconhecer tanto as dificuldades quanto as potencialidades individuais, garantindo condições efetivas de aprendizagem e valorização das diferenças.

Figura 7. Personagem Sr. Ptolomeu (Nizo Neto) e a representação de altas habilidades



Fonte: Acervo TV Globo (1990)

O personagem Sr. Ptolomeu, interpretado por Nizo Neto, era representado como um estudante de elevado conhecimento intelectual, frequentemente utilizado pelo programa para estabelecer situações humorísticas relacionadas à diferença entre seus conhecimentos e os dos demais personagens. Essa representação permite problematizar a maneira como determinadas habilidades cognitivas podem ser percebidas no ambiente escolar, especialmente quando as diferenças individuais são interpretadas a partir de padrões homogêneos de aprendizagem. No contexto da Educação de Jovens e Adultos, essa discussão contribui para refletir sobre a necessidade de identificar e valorizar as potencialidades dos estudantes, incluindo aqueles com altas habilidades ou superdotação. Entretanto, é importante distinguir a representação ficcional de uma identificação educacional especializada, uma vez que o desempenho intelectual apresentado pelo personagem não permite, isoladamente, estabelecer essa condição. Dessa forma, a análise evidencia a importância de práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade de capacidades e favoreçam o desenvolvimento integral dos educandos.

Além disso, a falta de formação continuada dos professores sobre inclusão e diversidade cognitiva contribui para que muitos estudantes não recebam o acompanhamento necessário para o desenvolvimento de suas potencialidades. Dessa forma, alunos com

altas habilidades podem acabar desmotivados, isolados ou até invisibilizados dentro do espaço escolar, mesmo apresentando grande capacidade intelectual.

Nesse sentido, a inclusão escolar não deve estar voltada apenas aos estudantes com dificuldades de aprendizagem, mas também àqueles que apresentam diferentes habilidades cognitivas e necessitam de estratégias pedagógicas específicas. A escola precisa reconhecer que cada sujeito aprende de maneira diferente e que a valorização dessas diferenças é fundamental para a construção de um ambiente educacional mais democrático e inclusivo.

Dessa forma, a representação do personagem Sr. Ptolomeu permite refletir sobre os desafios da inclusão escolar na contemporaneidade, evidenciando a necessidade de práticas pedagógicas mais flexíveis, acolhedoras e preparadas para lidar com a diversidade presente na Educação de Jovens e Adultos.

5. A ATUALIDADE DAS DISCUSSÕES DA *ESCOLINHA DO PROFESSOR RAIMUNDO* NA EJA CONTEMPORÂNEA

Apesar do personagem do professor Raimundo representar um profissional inserido em um modelo tradicional de ensino, grande parte de seus episódios abordava questões que, ainda hoje, refletem barreiras vividas por alunos e profissionais da educação, embora tratadas de forma leve e humorística. Em um cenário marcado por cadeiras enfileiradas, e pela representação do professor como detentor do saber, é possível observar práticas pedagógicas abordadas de maneira flexível, voltadas ao respeito às vivências e particularidades de cada aluno. A relação afetiva estabelecida entre professor e aluno contribuía para a construção de um ambiente

acolhedor, mais participativo e descontraído sem que houvesse perda do compromisso com o processo de ensino-aprendizagem. Mesmo diante da desvalorização salarial retratada no programa, o profissional da educação não perdia a sensibilidade necessária para manter seu compromisso com a construção compartilhada do conhecimento e com o fortalecimento das relações entre professor e aluno.

A democratização do acesso à escola não garante, por si só, a democratização do saber. De acordo com as análises de Bourdieu e Passeron (2014), a escola atua, muitas vezes, como um mecanismo de reprodução das desigualdades sociais ao valorizar a cultura das classes dominantes em detrimento das vivências das classes populares. Na Educação de Jovens e Adultos, esse fenômeno resulta na chamada “aparente inclusão”.

Nesse cenário, o estudante encontra-se matriculado e presente fisicamente no ambiente escolar, mas permanece excluído dos processos significativos de aprendizagem devido à distância entre a linguagem acadêmica e o seu repertório cultural. Essa exclusão mascarada constitui de certa forma uma violência simbólica, pois o sistema educacional acaba responsabilizando o indivíduo por dificuldades que, na realidade, são fruto de uma estrutura que não se adaptou às diversidades de origens, vivências e trajetórias dos alunos.

5.1. A Heterogeneidade na Composição das Turmas e o Diálogo Intergeracional

Na televisão, o cenário de uma sala de aula onde idosos, jovens e pessoas de meia-idade convivem serve para criar piadas baseadas

no choque de gerações. No entanto, na realidade da EJA, essa mistura de idades (chamada de heterogeneidade) é uma das características mais marcantes e complexas. Adolescentes que acabaram de abandonar o ensino regular por motivos de trabalho ou desinteresse dividem as mesmas carteiras com idosos que, na infância, não tiveram o direito de desenvolver habilidades de leitura e escrita.

Essa convivência cria o que a pedagogia chama de diálogo intergeracional. Em vez de um problema, essa troca de experiências entre o jovem e o idoso enriquece o ambiente. Enquanto o estudante mais jovem traz uma facilidade maior com as novas tecnologias e o ritmo do mundo moderno, o estudante idoso contribui com a sabedoria de vida, a resiliência e a memória histórica.

O grande desafio, portanto, recai sobre o professor. Ele precisa ter a sensibilidade de planejar uma aula que não seja nem rápida demais para quem está voltando a estudar após décadas, nem monótona para o jovem dinâmico. O papel do educador aqui é ser um mediador que valoriza o repertório de cada um, garantindo que todos se sintam acolhidos na sua individualidade.

5.2. Regionalização, Migração e a Pluralidade Cultural no Espaço Escolar

A *Escolinha do Professor Raimundo* sempre funcionou como um retrato humorístico do Brasil, reunindo personagens caricatos de várias regiões: o malandro carioca, o nordestino retirante (como o Seu Boneco), o gaúcho da fronteira, entre outros. Se na TV essa diversidade virava piada baseada em estereótipos, nas salas de aula

da EJA real, especialmente nas grandes cidades, ela representa o fenômeno da migração interna A *Escolinha do Professor Raimundo* pode ser compreendida como uma representação humorística da diversidade sociocultural brasileira, reunindo personagens associados a diferentes identidades, regionalidades e formas de expressão. Entre essas representações, destacam-se os estereótipos relacionados à vida rural e à linguagem regional (como Seu Nerso da Capitinga), às identidades culturais e aos costumes do Nordeste (como Bertoldo Brecha) e à representação caricatural da identidade gaúcha (como Gaudêncio).

Além disso, personagens vinculados a determinadas condições sociais e econômicas (como Seu Boneco) permitem discutir a construção de estigmas relacionados às classes populares. Embora essas caracterizações tenham sido utilizadas como recursos humorísticos, sua análise crítica possibilita refletir sobre preconceitos culturais e linguísticos que também podem se manifestar no contexto da Educação de Jovens e Adultos, especialmente em turmas formadas por sujeitos com diferentes origens territoriais e trajetórias de vida.

As salas de aula da EJA são verdadeiros caldeirões culturais. Nelas, cruzam-se sotaques, crenças e tradições de trabalhadores que deixaram suas terras natais em busca de oportunidades. Pedagogicamente, essa pluralidade não pode ser ignorada ou abafada. O educador de adultos deve seguir o que Paulo Freire defendia: valorizar a cultura e a “leitura de mundo” que o aluno traz consigo.

O desafio pedagógico consiste em transformar essa diversidade em conteúdo de aprendizagem. Em vez de permitir que o sotaque ou os

costumes de um aluno nordestino, por exemplo, virem motivo de piada ou exclusão (o chamado preconceito linguístico e cultural), o professor deve usar a história de vida desse estudante para debater geografia, história e literatura.

Assim, a sala de aula se torna um espaço de respeito mútuo e valorização da identidade brasileira.

5.3. Sexualidade e Questões de Gênero na Idade Adulta: Da Caricatura à Realidade Complexa

No programa de TV, temas ligados à sexualidade e gênero eram tratados de forma extremamente caricata e estereotipada, por meio de personagens como Seu Peru e Dona Bela, que reforçam visões preconceituosas ou tabus da época. Na EJA, contudo, esse tema se apresenta longe dos palcos de humor; ele surge como uma realidade humana profunda e, muitas vezes, dolorosa.

O estudante adulto não é uma “folha em branco”; ele traz consigo décadas de vivências afetivas, dúvidas acumuladas e preconceitos enraizados pela sociedade. Além disso, a EJA desempenha um papel social crucial ao receber uma parcela significativa da comunidade

LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, entre outros) que foi expulsa do ensino regular na juventude devido à violência e à discriminação escolar.

Debater sexualidade na EJA significa tratar de direitos humanos, saúde pública e respeito. As aulas de ciências ou biologia, por exemplo, devem abordar a saúde reprodutiva, a prevenção de doenças e o planejamento familiar de forma madura. Mais do que isso, a escola precisa ser um espaço seguro de acolhimento, onde a

diversidade de gênero seja respeitada, promovendo uma cultura de paz que repare as feridas da exclusão sofrida por esses alunos no passado.

5.4. O Combate à Infantilização do Ensino na EJA

Um dos pilares do humor da *Escolinha do Professor Raimundo* está no visual: adultos sentados em classes escolares infantis, respondendo a perguntas bobas e recebendo notas com bônus de forma infantilizada. Na vida real, no entanto, a infantilização do ensino na EJA é um dos principais motivos de evasão escolar (abandono dos estudos).

Tratar um trabalhador, que muitas vezes já sustenta uma família e lida com boletos e responsabilidades pesadas, como se ele fosse uma criança de sete anos é um desrespeito à sua dignidade. Isso acontece quando as escolas utilizam cartilhas de alfabetização infantil (com frases como “a pata nadou no lago”) ou dinâmicas voltadas para o público infantil.

Para combater isso, a EJA se apoia na Andragogia, que é a ciência que estuda como os adultos aprendem. O adulto precisa ver utilidade prática naquilo que estuda e quer que sua experiência de vida seja respeitada. Os materiais didáticos e a linguagem do professor devem ser maduros, contextualizados com o mundo do trabalho, da política, da economia e do cotidiano da vida adulta. O método de alfabetização deve partir de palavras do universo deles, como “tijolo”, “salário”, “trabalho”, garantindo que o aprendizado faça sentido para a sua realidade.

5.5. Educação Como Instrumento de Emancipação, Autoestima e Cidadania Plena

Por fim, se na televisão os alunos pareciam condenados a ficar eternamente naquela sala de aula repetindo os mesmos bordões, na EJA real os estudantes são movidos por um forte desejo de transformação e movimento. Concluir os estudos na idade adulta vai muito além de apenas tirar um diploma para conseguir um emprego ou um aumento salarial. Trata-se de um processo de emancipação e resgate da autoestima. Para o aluno da EJA, aprender a ler e dominar os conhecimentos básicos significa conquistar a cidadania plena e a autonomia no dia a dia. É a vitória de conseguir ler um contrato de trabalho sem medo de ser enganado; é a independência de pegar o ônibus correto sem precisar pedir ajuda a estranhos; é o orgulho de conseguir sentar com o neto e ajudá-lo nas tarefas de casa.

Essas pequenas e grandes conquistas diárias devolvem a dignidade social a esses indivíduos. A educação de adultos, portanto, cumpre a sua função mais bonita, que foi tão defendida por Paulo Freire: ela deixa de ser apenas a memorização de letras e números e se transforma em uma ferramenta de liberdade, permitindo que o sujeito seja o autor da sua própria história.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir das representações da educação brasileira presentes na *Escolinha do Professor Raimundo*, buscando compreender de que maneira os estigmas, as desigualdades e os processos de exclusão social e educacional podem ser relacionados aos desafios contemporâneos dessa modalidade de ensino. Por meio de uma abordagem qualitativa e exploratória, fundamentada na pesquisa bibliográfica e na análise interpretativa de personagens

e situações selecionadas da obra televisiva, foi possível estabelecer um diálogo entre as contribuições de Paulo Freire, Henri Wallon, Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron e Maria Teresa Mantoan. Dessa forma, as reflexões desenvolvidas permitiram problematizar as barreiras pedagógicas, os preconceitos e as possibilidades de construção de práticas educativas mais inclusivas e comprometidas com a emancipação dos educandos.

As discussões desenvolvidas evidenciaram que a EJA é resultado de um processo histórico marcado por desigualdades sociais, econômicas e educacionais que ainda produzem efeitos na contemporaneidade. Nesse sentido, compreender essa modalidade apenas como uma forma de regularização da escolaridade significa desconsiderar as trajetórias de vida, os conhecimentos, as experiências e os desafios enfrentados pelos sujeitos que retornam à escola. A EJA deve ser compreendida como um espaço de direito, formação, emancipação, construção da cidadania e valorização da dignidade humana.

A análise da *Escolinha do Professor Raimundo* possibilitou identificar, por meio do humor e da caricatura, diferentes questões relacionadas à educação brasileira, tais como a desvalorização profissional docente, o preconceito regional e linguístico, as desigualdades sociais, as dificuldades de aprendizagem, a diversidade, a vulnerabilidade social e os processos de inclusão e exclusão no ambiente escolar. Embora a obra esteja inserida em outro contexto histórico e utilize representações marcadas por estereótipos, suas narrativas possibilitam estabelecer relações com desafios que permanecem presentes na realidade educacional brasileira.

Nesse percurso, também foi possível perceber que a inclusão não se limita ao acesso ou à matrícula do estudante na instituição escolar. Para que exista uma inclusão efetiva, é necessário assegurar condições de permanência, participação, aprendizagem e pertencimento. As barreiras pedagógicas, sociais, culturais e afetivas podem produzir uma forma de exclusão que nem sempre é percebida de maneira explícita, mas que interfere diretamente na trajetória escolar dos sujeitos. Na EJA, essa questão assume especial relevância, considerando a heterogeneidade das turmas e as diferentes histórias de vida presentes nesse espaço.

A partir das contribuições de Freire, compreende-se que a prática educativa deve reconhecer o educando como sujeito de sua própria história, valorizando seus conhecimentos e sua leitura de mundo. As contribuições de Wallon também permitem compreender a importância da afetividade e das relações estabelecidas no ambiente escolar para o desenvolvimento e a aprendizagem. Já as reflexões de Bourdieu contribuem para problematizar a reprodução das desigualdades no espaço educacional, enquanto Mantoan reforça a necessidade de uma educação comprometida com a inclusão e com o reconhecimento das diferenças.

Nesse contexto, destaca-se a importância da formação continuada dos professores como condição fundamental para a superação de práticas pedagógicas tradicionais e excludentes na Educação de Jovens e Adultos. Para além da identificação dos estigmas representados na *Escolinha do Professor Raimundo*, a Pedagogia contemporânea precisa oferecer aos educadores oportunidades permanentes de aperfeiçoamento profissional, incluindo oficinas e estudos sobre andragogia, letramento crítico, metodologias inclusivas e valorização das experiências dos educandos. Tais

iniciativas podem contribuir para a construção de estratégias de ensino contextualizadas, capazes de reconhecer as especificidades dos estudantes jovens, adultos e idosos. À luz das contribuições de Freire (2014b), compreende-se que a reflexão crítica sobre a prática constitui elemento indispensável à formação docente. Assim sendo, investir na formação continuada significa fortalecer a atuação do professor como mediador do conhecimento, favorecendo a construção de ambientes escolares mais democráticos, acolhedores e comprometidos com a aprendizagem e a emancipação dos sujeitos.

A *Escolinha do Professor Raimundo*, portanto, ultrapassa a dimensão do entretenimento quando analisada como objeto de reflexão sobre a educação brasileira. As situações representadas pela obra permitem problematizar contradições existentes no espaço escolar e refletir sobre a necessidade de práticas educativas mais acolhedoras, democráticas e humanizadas. Ao mesmo tempo em que algumas representações reproduzem estigmas característicos de seu período histórico, elas também possibilitam questionar os preconceitos e as desigualdades que ainda atravessam a educação.

Conclui-se, assim, que pensar a EJA à luz da *Escolinha do Professor Raimundo* significa reconhecer que os desafios educacionais representados pelo humor não pertencem apenas ao passado. Muitos deles permanecem presentes nas salas de aula e exigem ações pedagógicas comprometidas com a inclusão, a equidade, a afetividade e a valorização das diferenças. Mais do que garantir o retorno do estudante à escola, é necessário criar condições para que ele permaneça, aprenda, participe e reconheça naquele espaço a possibilidade de construir novos caminhos para sua trajetória.

Nesse sentido, a Educação de Jovens e Adultos reafirma sua importância como instrumento de emancipação e transformação social. Ao reconhecer os estudantes como sujeitos históricos, culturais e sociais, a escola pode contribuir para romper com estigmas e processos de exclusão, transformando o espaço educativo em um ambiente de pertencimento, diálogo e construção coletiva do conhecimento. Assim, a análise desenvolvida evidencia que a EJA não deve ser compreendida como uma educação de segunda oportunidade, mas como um direito fundamental e como uma possibilidade concreta de formação, autonomia, cidadania e transformação da realidade. Ressalta-se, por fim, que a pesquisa não pretende esgotar as discussões sobre a temática, mas contribuir para a ampliação de reflexões acadêmicas acerca da Educação de Jovens e Adultos, incentivando novos estudos sobre as relações entre representações culturais, formação docente, inclusão escolar e enfrentamento das desigualdades educacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.**

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade.** 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014b.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

GLOBO. **Escolinha do Professor Raimundo: personagens.** Memória Globo. Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/humor/escolinha-do-professorraimundo/noticia/personagens.ghtml. Acesso em: 20 de outubro de 2026.

GLOBO. **Escolinha do Professor Raimundo.** Memória Globo. Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/humor/escolinha-do-professor-raimundo/. Acesso em: 20 de outubro de 2026.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar:** o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância.** Lisboa: Estampa, 2005.

---

[1] Graduanda em Pedagogia pela Universidade de Vassouras – Campus Saquarema/RJ.

[2] Graduanda em Pedagogia pela Universidade de Vassouras – Campus Saquarema/RJ. E-mail: acesse o artigo original para

[3] Doutora em Educação pela UERJ e docente do Curso de Pedagogia da Universidade de Vassouras, campus Saquarema-RJ.

[4] Mestre em Psicologia e docente do Curso de Pedagogia da Universidade de Vassouras, campus Saquarema-RJ.